

Sarney

ESTADO DE SÃO PAULO

Quem paga a conta

País estranho, para não dizer extraordinário, o Brasil — ou seria seu presidente? Ao término de mandato conquistado a duras penas, depois de anestesiar o povo com uma inflação que obrigou o governo a cortar seis zeros da moeda, o presidente José Sarney alimenta a esperança de recuperar e polir sua imagem pública, dizendo ao sofrido povo — “brasileiras e brasileiros!” — que o mundo lá fora é diferente do que os políticos pensam, tanto no campo da política quanto no da economia. Após ter decretado moratória unilateral, que só acumulou prejuízos para o País, e ter dado sua contribuição, que não foi pequena, para a criação de clima social tenso, construído sobre uma proletarianização cada vez mais crescente de amplos setores da classe média e redução do nível de vida de milhões; depois de ter desorganizado a economia com o Plano Cruzado, aumentado a dose com o Plano Bresser e tentado remediar as coisas com o Plano Verão, agora o chefe de Estado pretende apresentar ao povo, pela televisão que irá requisitar no uso de seus poderes, a imagem de grande estadista capaz de projetar o Brasil, no mundo, como País apto a resgatar a estagnação econômica e projetar-se internacionalmente como um novo modelo de desenvolvimento!!!

O objetivo da proposição do novo modelo de desenvolvimento econômico, que superará os 50 em 5 do presidente Kubitschek, ou possivelmente a famosa Terceira Via, que os Não-Alinhados quiseram inventar depois da conferência de Bandung, em 1955, não é apenas esse de resgatar a imagem do País no Exterior e a do presidente junto à grande massa dos que se dispõem, segundo algumas pesquisas que cir-

culam no Planalto, a votar no candidato do sr. José Sarney. É triplo o objetivo da grande manobra montada à custa da requisição da televisão: espantar o mundo com nossa capacidade de inventar soluções, apagar a imagem negativa do presidente e influenciar na sucessão presidencial.

Tendo ajudado a criar a Nova República (que resultou do esfacelamento do maior partido do Ocidente ao qual pertencera), e tendo fundado a Novíssima, a partir do instante em que decidiu que o importante não era “não gastar”, mas fazer obras, o presidente Sarney herdou de todas as anteriores o hábito de influir na sucessão presidencial. Curiosamente não quer prestigiar um antigo companheiro de partido, como o sr. Fernando Collor de Mello, nem um adepto fervoroso de sua *opera magna*, a Norte-Sul, que é o sr. Leonel Brizola. O chefe do governo, buscando mostrar ao Brasil dos albaneses da SEI e dos moçambicanos de todas as reservas de mercado que a economia internacional é moderna, quer dar empurrãozinho nas candidaturas dos srs. Mário Covas e Guilherme Afif Domingos. Cuidem-se S.Sas. do apoio não pedido...

A não ser pelo desejo de realmente passar à História como o descobridor de um novo modelo de desenvolvimento, e possivelmente amparado na compulsão de pretender um dia aparecer em público sem ser apupado ou necessitar de segurança reforçada, inclusive nos próprios oficiais da União, nada explica por que deva o chefe de governo interferir num processo eleitoral em que todos os candidatos, uns mais educadamente do que outros, fazem o processo de seu governo.

Não faz sentido a presença do chefe de

governo, no apagar das luzes de sua administração, pretender, como se diz (proibindo) no Código Eleitoral, criar “estados mentais” na opinião pública mediante a descrição do que acontece no mundo. Todos já sabemos que o camarada Gorbachev enfrenta dificuldades sem conta para modernizar a economia soviética, clamando por empréstimos externos; todos sabemos que em 1992 a Europa será de fato unida, até mesmo na moeda se a sra. Thatcher ceder em suas resistências; todos sabemos que o mercado Estados Unidos-Canadá (ao qual se acrescentará o México) é enorme como realidade e maior como potencialidade. Ademais, sabemos que a tecnologia está substituindo as matérias-primas e diminuindo a importância da mão-de-obra barata no comércio internacional. Sabemos que o importante no computador não é fabricá-lo, mas saber usá-lo. Todos, até mesmo o presidente Sarney, sabemos disso — todos, menos os burocratas sobre os quais S. Exa. deveria exercer seu comando, e os deputados e senadores sobre os quais não exerce influência alguma, uns e outros, todos unidos, transformando o Brasil num país infeliz.

Do alto de sua especial percepção da realidade, o chefe de Estado se dispõe a contrariar até mesmo os sábios pareceres de seus assessores militares para marcar as eleições com sua presença na televisão. No fundo, bem no fundo, o presidente Sarney não afasta a idéia de poder dizer, um dia, que elegeu um presidente da República que salvou o Brasil, seguindo as sugestões dele, acadêmico e imortal, que passou cinco anos na Presidência da República para ao final formular um novo modelo de desenvolvimento para o Brasil.

A conta, o País paga!